

## Prefácio

Livio Sansone

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANSONE, L. Prefácio. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. *Raça: novas perspectivas antropológicas* [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 7-8. ISBN 978-85-232-1225-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Prefácio

Lívio Sansone

O tema da criação da diferença, do Outro etno-racialmente construído, assim como da produção de identidades de cunho etno-racial sempre foi importante na antropologia. Este âmbito de pesquisa sempre levantou questões éticas para os antropólogos envolvidos – descobridores, defensores e até porta-vozes de seus objetos de pesquisa. Hoje o contexto é diferente e a relação pesquisador-objeto se dá de outra forma, mas o tema continua central, também na antropologia no Brasil. Há mais antropólogos que pesquisam nestes âmbitos e uma antropologia mais aberta e interdisciplinar (mais do que antes há antropólogos e antropologias operando fora dos departamentos e programas disciplinares em antropologia). Tudo isto leva, já em si, a criação de um conjunto multi-vocal e, às vezes, polifônico. Se já houve uma antropologia brasileira entendida como um conjunto unido, ou pelo menos um conjunto articulado em paradigmas pouco questionados entre colegas antropólogos, hoje, nesta etapa já de maturidade e maior complexidade da comunidade dos antropólogos e da própria profissão do antropólogo, há questões e soluções que mais que antes dividem os antropólogos. Talvez a questão racial ou étnica – ou, melhor dito, o que fazer para reverter nossas desigualdades de cunho étnico-racial – seja o tema que mais divide os antropólogos em frentes “opostas”. Estamos convencidos que o debate faz bem e que antropologia feita no Brasil se enriquece nele. Por isso a Comissão de Relações Étnicas e Raciais (Crer) da Associação Brasileira de Antropologia quer manter o meio campo funcionando, criando e cultivando espaços para o debate e o diálogo, sabendo que há anti-racismo e propostas interessantes de luta a desigualdades em ambos os lados da linha de frente que hoje opõe, por exemplo, defensores ou opositores de medidas como as assim ditas cotas ou do projeto de Estatuto da Igualdade Racial. Sabendo também que os desafios de tipo ético e político tendem a aumentar ao longo de um processo que leva a antropologia

mais e mais próxima de nosso cotidiano e de nossas escolhas pessoais – hoje como dizia Clifford Geertz somos todos nativos.

Este livro quer mostrar esta nova e interessante porosidade da antropologia – aberta para um trânsito mais intenso com as outras disciplinas assim com reconhecendo que há um intercâmbio entre as idéias dos antropólogos e as imagens e representações da mídia e da opinião pública. O livro quer também mostrar como esta nova complexidade cria novos espaços para os antropólogos que aceitam o desafio de pesquisar em um contexto tenso onde a autoridade do antropólogo está menos estável e garantida que antes. É nossa intenção apontar pelo fato da pesquisa e a análise em torno dos processos de racialização assim como de produção de identidades de cunho étnico-racial mostra como estes fenômenos levantam questões centrais para as ciências sociais do novo milênio: a produção de diferença e identidade em um contexto caracterizado por uma crescente homogeneização cultural – ou, pelo menos, pelo aumento e uniformização do conjunto de símbolos por meio dos quais se pode construir identidade e diferença; a construção de identidades que convivem e se retroalimentam de outras; o trânsito intenso entre o olhar analítico e o popular – com a intermediação da mídia; os processos de naturalização (e, às vezes, biologização) das diferenças.

Este livro, pensado como um aporte ao debate assim como ferramenta para o ensino, sobretudo em nível de graduação, tenta lidar, sem nenhuma pretensão de completude, com uma série de desafios proporcionados por esta nova fase da sociedade brasileira, onde, talvez pela primeira vez e obviamente de forma contraditória, ser índio e negro deixa de ser ônus para se tornar, às vezes, até bônus. Neste contexto contar a cor é imediatamente político, porque pode estar associado a uma redistribuição de recursos e pensar em educação inspirada por algum multiculturalismo, com indica a Lei federal n. 10.639, obriga os antropólogos a refletir sobre vantagens e desvantagens do uso, em determinado contextos, de certas categorias, como etnicidade, raça, índio, negro ou afrodescendente e quilombola. Até mesmo a pesquisa sobre vivência da religião parece obrigar os antropólogos mais que antes a lidar com as questões da liberdade religiosa e a ter que tomar posição em defesa de grupos novamente estigmatizados. No esforço de buscar dar luz ao negro e o índio (que aqui não pôde ter o justo espaço) como agente de sua própria condição e não somente e sempre como vítima, novas frentes, que também questionam a nossa ética, foram aqui somente apontadas, mas precisam aprofundar-se. Práticas e representações em torno da beleza e do consumo parecem hoje se constituir na nova frente de luta por cidadania e respeito.